

Verlan Valle Gaspar Neto<sup>1</sup>

**POSSIBILIDADES DE INTERLOCUÇÃO  
ENTRE A ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA,  
A ANTROPOLOGIA SOCIOCULTURAL  
E OUTRAS FRENTES DISCIPLINARES:  
ALGUNS BREVES RELATOS**

***POSSIBILITIES OF DIALOGUE BETWEEN  
BIOLOGICAL ANTHROPOLOGY,  
SOCIOCULTURAL ANTHROPOLOGY, AND  
OTHER DISCIPLINES: SOME BRIEF REPORTS***

---

<sup>1</sup> Departamento de Direito, Humanidades e Letras, Instituto Três Rios, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DDHL/ITR/UFRJ), [verlan.neto@yahoo.com](mailto:verlan.neto@yahoo.com)

## RESUMO

Quais as possibilidades de diálogo entre a Bioantropologia, de um lado, e a Antropologia Sociocultural, e outras disciplinas, de outro? Acerca deste tema, neste artigo são apresentadas as impressões, na forma de relatos, de quatro pesquisadores sêniores atuantes em Antropologia Biológica no Brasil. Os relatos encontram-se organizados em três eixos que dialogam entre si, a saber: (a) uma suposta lacuna na formação dos antropólogos brasileiros (o tema da evolução biológica humana) e, que, portanto, contribuiria para uma ausência de diálogo entre as vertentes biológica e sociocultural da Antropologia no país; (b) as possibilidades efetivas de diálogo a partir de temas/objetos específicos, além das tensões subjacentes às relações com a Antropologia Sociocultural; (c) as disputas e discordâncias em torno de um tema comum (o povoamento humano do continente americano) como parte integrante, também, das relações entre as diferentes especialidades internas à Bioantropologia. De modo a enriquecer as discussões proporcionadas pelos quatro pesquisadores, o artigo também faz um razoável apanhado bibliográfico de trabalhos teóricos e etnográficos que apresentam preocupações comuns àquelas que aparecem nos relatos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia Biológica; Interdisciplinaridade; Antropologia Brasileira.

---

## ABSTRACT

What are the possibilities of dialogue between Biological Anthropology on the one hand, and Sociocultural Anthropology and other disciplines on the other hand? On this subject, this paper presents the reports of four seniors Brazilian research in Biological Anthropology. The reports are organized in three axes that dialogue with each other, namely: (a) a supposed gap in the training of Brazilian anthropologists (the theme of human biological evolution) and, therefore, that could contribute to an absence of dialogue between the biological and sociocultural branches of Anthropology in the country; (b) the effective possibilities of dialogue from specific research subjects/objects, besides the tensions underlying the relations with Sociocultural Anthropology; (c) disputes and disagreements over a common theme (the settlement of the America) in the relations between different specialties of the Biological Anthropology. In order to enrich the discussions provided by the four researchers, the paper also makes a reasonable bibliographical survey of theoretical and ethnographical works that present concerns that are commons to those ones in the reports.

**KEYWORDS:** Biological Anthropology; Interdisciplinarity; Brazilian Anthropology.

## INTRODUÇÃO

Há pouco mais de cinco anos, com o apoio da Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, foi realizado em Sintra, Portugal, o simpósio *Integrating Anthropology: Niche Construction, Cultural Institutions, and History*, organizado pelos antropólogos Agustín Fuentes e Polly Wiessner. As discussões desenvolvidas ao longo daquele encontro deram origem, posteriormente, a um número especial de *Current Anthropology* (Volume 57, Supplement 13), intitulado *Reintegrating Anthropology: From Inside Out*, cujo propósito, de acordo com a presidente da Wenner-Gren à época, Leslie Ayelo (AYELO, 2016), não era defender a amplitude das investigações em Antropologia, já dada como certa. Tratava-se, na verdade, ainda segundo ela, de apresentar iniciativas reflexivas e investigativas as quais reunissem duas ou mais perspectivas teórico-metodológicas dentro do que poderíamos chamar de um campo da Antropologia.

As discussões devotadas à possibilidade e/ou necessidade (ou não) de uma maior integração entre os diferentes ramos da Antropologia, em que se destacam aqueles alocados dentro do que se convencionou chamar “Antropologia dos Quatro Campos” (*Four-Fields Anthropology*), especialmente no contexto norte-americano, não são tão novas assim. Além disso, a história da Antropologia ao redor do mundo revela que o ideário de uma “ciência do homem” ou “ciência da humanidade” totalmente integrada, tanto nos chamados centros irradiadores (leia-se, Europa e Estados Unidos) quanto em outros contextos, nunca foi ponto pacífico e, mesmo quando ensejado, poucas vezes concretizado (BOROFSKI, 2002). Há tanto os que defendem uma maior integração entre as diferentes frentes disciplinares antropológicas (INGOLD, 2001; FUENTES, 2010; VÉRAN, 2012; INGOLD & PALSSON, 2013; FUENTES & WIESNNER, 2016) quanto os que a rechaçam, inclusive institucionalmente (SEAGAL & YANAGISAKO, 2005).

Os debates em torno dos arranjos institucionais se encontram expressos numa razoável bibliografia que, por razões de espaço, não me é possível abordar aqui, mas que foi alvo de reflexão em outro trabalho, e que oportunamente aparecerá em material a ser publicado, especialmente no que se refere às aspirações, no contexto brasileiro, de se implantar um modelo baseado naquele existente nos Estados Unidos da América<sup>1</sup>. No presente trabalho, tangencio essa questão por outra via, a partir de material recolhido durante trabalho de campo realizado junto a pesquisadores que se autodefinem como atuantes em Antropologia Biológica no Brasil. O material aqui apresentado, por seu turno, é parte integrante de um projeto mais amplo de investigações acerca tanto do desenvolvimento histórico da Bioantropologia brasileira a partir da segunda metade do século passado quanto da sua situação hodierna, cujos primeiros resultados foram publicados

<sup>1</sup> *Four-Fields Anthropology: garantia de interlocução entre as Antropologias Sociocultural e Biológica?* Trabalho apresentado no IV Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno-História (IV CIAEE), Grupo de Trabalho (GT) *Aproximações entre as Antropologias Biológica e Sociocultural*, Dourados/MS, 2017.

recentemente (GASPAR NETO, 2017a e 2017b, respectivamente)<sup>2</sup>.

Grosso modo, pode-se afirmar que, no Brasil, ao termo Antropologia, assim como à expressão “estudos antropológicos” são associadas, em sua maioria, as investigações de cunho sociocultural. Em parte, isso está ligado ao fato de a Bioantropologia se encontrar fora das instâncias de reprodução acadêmica relacionadas à formação de antropólogos, com uma única exceção, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFGA), criado em 2010. Tendo em vista que a história da Antropologia no Brasil remonta ao século XIX, esta iniciativa pode ser tomada como muito recente (GASPAR NETO, 2017a, 2019; MÜLLER & SILVA, 2019). Em um cenário como esse, uma questão acabou por se impor durante as investidas no campo: quais seriam as possibilidades de diálogo da Bioantropologia com outras frentes disciplinares, inclusive com a Antropologia Sociocultural? Sobre isso, nos parágrafos seguintes são expostos os depoimentos de quatro pesquisadores atuantes na área, recolhidos no ano de 2012<sup>3</sup>. Os depoimentos estão organizados em torno de três eixos. O primeiro deles versa sobre alguns aspectos relativos à formação de antropólogos no Brasil. Grosso modo, esses pesquisadores chamam a atenção para a inexistência de espaços de formação de antropólogos biológicos dentro dos cursos e programas de pós-graduação em Ciências Sociais / Antropologia no Brasil (novamente o PPGA-UFGA é a exceção), e também argumentam que a não oferta de conteúdos básicos em Antropologia Biológica, como evolução humana, acarreta uma formação, no mínimo, incompleta ou deficitária dos antropólogos brasileiros.

No segundo eixo estão concentradas as falas que versam especificamente sobre as possibilidades de diálogo entre a Antropologia Biológica, de um lado, e a Antropologia Sociocultural e outras disciplinas, como a Arqueologia, de outro. Nelas, a ideia de interlocução pressupõe menos uma redutibilidade mútua ou associação *a priori* entre as subáreas (sendo tudo Antropologia, o diálogo, sob qualquer circunstância e sobre qualquer assunto, deveria ser imperativo) e mais um esforço de aproximação e debate em torno de temas pontuais e de interesse comum. No terceiro e último eixo persiste a discussão em torno da necessidade de interlocuções, mas, desta vez, voltada para as especialidades da própria Bioantropologia. Isso porque, e as falas fazem alusão a isso, especialidades distintas exploram, de forma praticamente independente, certos temas de pesquisa em Antropologia Biológica, sem contar as disputas, entre elas, por primazia.

<sup>2</sup> Especificamente em GASPAR NETO (2017b) aparece uma rápida reflexão sobre o fato de os depoimentos estarem circunscritos aos antropólogos biológicos.

<sup>3</sup> Os quatro pesquisadores em questão são: (1) Maria Cátira Bortolini, do Departamento de Genética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); (2) Ricardo Ventura Santos, do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) e da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ); (3) Sheila Mendonça de Souza, também da ENSP/FIOCRUZ; (4) Walter Alves Neves, então pertencente ao Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, Universidade de São Paulo (LEEH/USP). Todos os quatro pesquisadores deram sua anuência, por meio de um termo de consentimento assinado, para que suas falas fossem reproduzidas para fins acadêmicos, e serão doravante identificados por meio das seguintes siglas, respectivamente: MCB, RVS, SMS, WAN.

## PRIMEIRO EIXO: UM SUPOSTO DÉFICIT NA FORMAÇÃO DOS ANTROPÓLOGOS BRASILEIROS

Como assinalado na seção anterior, um primeiro aspecto a ser considerado é a estrutura da formação em Antropologia oferecida no país. Haveria uma grande barreira interna ao que Sheila Sousa chama de “as Antropologias”, quer dizer, um conjunto de disciplinas as quais poderiam ser tratadas como “antropológicas”, a despeito de suas especificidades, mas que, de um modo geral, mantêm pouco diálogo entre si.

Eu tenho a sensação de que há, e talvez isso passe pela pouca integração entre os currículos brasileiros, uma grande dissociação, em termos de vivência, entre o que é a Etnologia, a Antropologia Cultural, a Antropologia Social, as Antropologias (por isso eu falo no plural), a própria Linguística e outras áreas, e o que a Arqueologia e a Antropologia Biológica estão fazendo. É porque aqui, talvez, a gente tenha uma formação em que as pessoas não experimentam mais essa passagem de um campo para o outro dentro do que seria o campo da Antropologia maior (SMS)<sup>4</sup>.

A questão da formação também aparece nas falas de Walter Neves e Ricardo Santos. Para o primeiro, a inexistência de diálogo entre as duas grandes vertentes da Antropologia, Sociocultural e Biológica, dever-se-ia à ausência de uma formação orientada para uma perspectiva mais ampla da disciplina (para ele, especificamente, o modelo norte-americano ou *four-fields*).

Eu acho que a interlocução entre antropólogos socioculturais e bioantropólogos é zero. Eu acho que exatamente pelos antropólogos não terem uma formação nesses quatro campos do conhecimento o diálogo é muito difícil. É claro que, quanto à Linguística, eu não posso falar nada, porque foi o único tema no qual eu não me meti. Eu não tenho talento nenhum para a Linguística. Mas, por essa coisa de haver apenas uma Antropologia completamente culturalista, uma Antropologia completamente perdida no interpretativismo geertziano mais recentemente, a possibilidade de interlocução beira zero (WAN).

E faz um acréscimo, mencionando o curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) e o que ele considera ser uma das maiores lacunas na formação dos antropólogos brasileiros – o desconhecimento quanto ao processo evolucionário humano. Para o pesquisador, o conhecimento dessa dimensão histórico-evolutiva do gênero humano poderia auxiliar na atenuação da “biofobia” que a Antropologia Sociocultural tem para com os temas biológicos em geral, ao mesmo tempo em que as interlocuções entre ambas as vertentes poderiam ser mais fáceis.

Eu te dou um exemplo muito simples. O laboratório existe desde [19]94. (...) Nunca houve um pedido, por exemplo, por parte das Ciências Sociais, aqui na USP, de que a gente oferecesse uma disciplina,

<sup>4</sup> De certa forma, a pluralização que a entrevistada faz do termo Antropologia (“as Antropologias”) expressa tanto a complexidade em torno do que se considera ou tem se considerado Antropologia em diferentes partes do mundo e em diferentes momentos históricos, quanto ressoa uma ideia que se encontra presente no nome da mais abrangente associação de Antropologia no mundo, a IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences), cujo histórico remonta ao século XIX.

por exemplo, de evolução humana. E nós estamos aqui, absolutamente, à disposição. Isso nunca aconteceu. Por isso que eu te digo que eu acho remota a possibilidade de isso acontecer nos grandes centros<sup>5</sup>. (...) Os antropólogos têm um objeto de pesquisa cuja gênese eles sabem absolutamente nada. Talvez se eles compreendessem melhor o processo evolutivo dos hominídeos de sete milhões de anos até agora, até o *Homo sapiens*, essa biofobia fosse atenuada. Mas como isso não acontece, ela continua absolutamente inexpugnável. Eu acho que não pode ter um arqueólogo que não conheça o processo evolutivo humano, e não pode ter um antropólogo que não conheça o processo evolutivo humano (WAN).

Embora não se apresente como um partidário do modelo institucional norte-americano, no qual, inclusive, foi formado, também para Ricardo Santos a formação em Antropologia deveria contemplar aspectos mínimos da evolução biológica humana, de modo a oferecer aos seus profissionais uma “perspectiva mais ampla da Antropologia e do seu objeto de estudo”. Além disso, ele está convencido de que a Biologia desempenhará, cada vez mais, um papel central nas discussões de ordem científica e política sobre a diversidade humana e tudo o que estiver associado a essa ideia.

Eu acho que há várias questões para uma interlocução hoje. Por exemplo, eu acho que se você está em um programa de pós-graduação (mestrado e doutorado), você está formando pesquisadores e professores que estarão se reproduzindo para as gerações futuras. No geral, o nosso sistema de ciência e tecnologia no Brasil hoje tem que formar 10 mil doutores, de modo a expandir a quantidade de gente que está nas Universidades, que é ridículo. Então, estamos formando pesquisadores e professores. No caso específico da Antropologia, é muito importante, nesse sentido, uma formação de professores com uma visão mais ampla da experiência humana. É muito importante que um antropólogo, que vá dar aula para os alunos das novas gerações, saiba desse espectro mais amplo da experiência humana em termos de, minimamente, a trajetória evolutiva da espécie. Esse é um exemplo. Há outros. A área da Biologia, por exemplo - “a Biologia vai ser para o século XXI o que a Física foi para o século XX” -, com todas as discussões políticas densas e difíceis sobre diversidade humana, desigualdades, “raças,” tipologias, genoma, saúde e medicina, em termos pessoais e coletivos. Enfim, eu acho que há possibilidades de um diálogo em torno de questões que são interessantes tanto do ponto de vista da formação de um professor, como, também, com relação a aspectos específicos de pesquisa (RVS).

Para Maria Cátira Bortolini, “de um modo geral não existem interfaces entre ambas as vertentes”, a despeito de iniciativas muito pontuais, como a oferta de uma disciplina versando sobre evolução humana para a graduação em Ciências Sociais da UFRGS. Mas, mesmo em uma iniciativa como essa, haveria ainda certos “tabus” entre os cientistas sociais com relação às proposições biológicas, especialmente se elas versam sobre qualquer aspecto relacionado ao “comportamento humano”.

Eu acho que os diálogos não ocorrem. A gente vê iniciativas de pes-

<sup>5</sup> Walter Neves está se referindo, aqui, à iniciativa do PPGA/UFPA, que, por ocasião da entrevista, era ainda mais recente. Vale ressaltar que o diferencial inaugural deste programa reside no fato de que a Antropologia Biológica não só foi incluída no currículo formativo de mestres e doutores em Antropologia como também passou a ser uma possibilidade de titulação.

soas como o Ricardo Ventura e alguns colegas aqui do departamento de Antropologia da UFRGS. Por exemplo, recentemente me convidaram para fazer uma réplica ao estudo feito pelo Ricardo e pelo Michael Kent, lá da Universidade de Manchester, cujo foco foi o meu laboratório, e o estudo envolvia justamente Antropologia da ciência<sup>6</sup>. Isso mostra que existem algumas tentativas de aproximação, mas o que eu noto, porque eu dou uma disciplina para a Antropologia Social na graduação, quando pergunto sobre essa questão para os meus alunos, é que há temas sobre os quais não é possível falar muito, e daí eles me respondem: “Ah! Professora, não dá, muitas vezes não dá para falar de genética. Tem certos tabus que não se pode falar e que não se pode nem comentar”. Principalmente se envolver aquela coisa da “natureza humana” (MCB).

E ela faz um comentário jocoso acerca de outra experiência de interlocução experienciado, desta vez, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da mesma universidade – PPGAS/UFRGS, em que, a convite de Ruben Oliven, proferiu uma palestra sobre evolução para os futuros antropólogos.

Ele me convidou uma vez para falar para os alunos da pós-graduação, e toda vez que ele me encontra ele diz “Maria Cátira você deixou todos eles chocados”. Isso porque eu falei um pouquinho de evolução humana, e falei que nós não somos uma espécie eterna. Eu dei uma dimensão de espécie para os alunos da Antropologia Social, e toda vez que ele me vê ele brinca comigo, dizendo “tu foste deixar os meus alunos traumatizados” (MCB).

Em resumo, as falas arroladas nesta seção demonstram que, para os entrevistados, entre as razões as quais dificultariam ou mesmo impossibilitariam uma interlocução entre as vertentes biológica e sociocultural da Antropologia se encontra o processo formativo. No Brasil, os antropólogos estariam sendo formados sem qualquer noção acerca da dimensão evolutiva do *Homo sapiens*, assunto este também discutido por Salzano em algumas de suas publicações (SALZANO, 2009, 2012). Este é um ponto interessante, haja vista que, em se considerando alguns autores estrangeiros da Antropologia Sociocultural com ampla penetração no Brasil, como Tim Ingold e Claude Lévi-Strauss, para ficarmos apenas em “duas tradições” antropológicas, não só o tema da evolução humana é abordado, como, também, uma informação mínima em Antropologia Biológica aparece como necessária à formação básica de um antropólogo (LÉVI-STRAUSS, 2012; INGOLD, 1994a). No caso específico de Tim Ingold, este ponto tende a ser ainda mais acentuado. Isso porque ele tem questionado a insistência, por parte da Antropologia Sociocultural, em conceber o humano como algo emancipado da natureza (leia-se, biologia), o que, por seu turno, só reforçaria o antropocentrismo que lhe tem servido de base desde o século XIX (INGOLD, 1994b, 2001, 2006a, 2006b, 2019)<sup>7</sup>.

Com efeito, a despeito de haver uma extensa tradição de pesquisas no

<sup>6</sup> O artigo em questão é KENT & SANTOS (2012).

<sup>7</sup> Interessado na superação da dicotomia natureza *versus* cultura e congêneres (animalidade *versus* humanidade, história *versus* evolução etc.), Ingold não tem endereçado críticas apenas à Antropologia, mas, principalmente, ao neodarwinismo que, segundo ele e outros críticos, haveria reduzido a Biologia Evolutiva à Genética, ou, mais precisamente, aos genes. A esse respeito, além das obras já mencionadas, ver SILVA (2012) e INGOLD (2013, 2019).

Brasil, em sua maior parte protagonizadas por pesquisadores sem formação em Antropologia (SALZANO, 2014), são escassas as publicações antropológicas que tomam o tema da evolução biológica humana como central ou mesmo parte integrante de seu conteúdo, inclusive com finalidade formativa. Por exemplo, um dos poucos compêndios a contemplar essa temática é aquele organizado por Gioconda Mussolini (1978) entre os anos 1950 e 1960, com uma série de artigos assinados por pesquisadores estrangeiros (biólogos e antropólogos), cuja primeira edição foi publicada há mais de meio século. É importante destacar que o volume organizado por Mussolini se insere num contexto, no âmbito da Antropologia brasileira, de discussões e iniciativas acerca da necessidade de a Antropologia Biológica (mais comumente chamada de Antropologia Física), naquele momento, rever as orientações teórico-metodológicas que vinham lhe servindo de base desde o século XIX, com forte viés tipológico e racial (SANTOS, 1996; GASPAR NETO, 2017a)<sup>8</sup>.

Passadas todas essas décadas, o tema da evolução humana, na literatura antropológica brasileira, aparece de forma secundária em publicações que versam sobre outros temas mais identificados como sendo da Bioantropologia, como o povoamento do continente americano (SILVA & RODRIGUES-CARVALHO, 2006; NEVES & PILÓ, 2008) e da Bioarqueologia (NEVES, 2013). Em 2014 a revista *Ciência & Ambiente* publicou um número específico sobre evolução humana (n. 48). Organizado pelo filósofo Paulo Abrantes, a edição traz contribuições tanto sobre problemas históricos e teóricos mais gerais (ABRANTES, 2014a; BIZZO, 2014; SALZANO, 2014) quanto sobre aspectos os mais diversos relacionados ao tema da evolução humana em particular: origem e evolução biológica do gênero humano (SANTOS, 2014; DA-GLÓRIA, 2014; WOOD, 2014); desenvolvimento tecnológico (VISCARDI & BORTOLINI, 2014); evolução, cultura e meio ambiente (NECO & RICHERSON, 2014; BISSO-MACHADO, HÜNEMEIER & BORTOLINI, 2014; SILVA, 2014); linguagem e pensamento simbólico (ZILHÃO, 2014; RODRIGUES-CARVALHO, 2014; PIEVANI, 2014); classificação racial (OLIVEIRA, ARCANJO & ROJAS, 2014); povoamento da América (GUIDON, 2014); evolução e comportamento (TOLEDO, 2014; YAMAMOTO, HATTORI, CASTRO & ALENCAR, 2014); evolução e vida social (ALMEIDA, 2014; PLAZAS & ROSAS, 2014; ABRANTES, 2014b). Trata-se de contribuição rica e diversificada, e que demonstra como o tema da evolução humana atrai o interesse de diferentes áreas do conhecimento científico. Contudo, levando-se em consideração que a origem e a evolução humana é um dos temas fundantes da Antropologia, chama a atenção a pouca presença de antropólogos brasileiros, especialmente socioculturais, no compêndio mencionado, o que nos remete às reflexões desenvolvidas por SILVA (2013) e àquelas, contidas nos relatos aqui apresentados, acerca da formação de antropólogos no país.

<sup>8</sup> Dentre as iniciativas, pode-se destacar a publicação de artigos sobre genética (VERSCHUER, 1953) e evolução humana (DOBZHANSKY, 1956) na então recente *Revista de Antropologia*. Esses artigos dialogam com as perspectivas críticas defendidas por antropólogos como Schaden (1954) e Castro Faria (1998, 2000a, 2000b).

## SEGUNDO EIXO: INTERLOCUÇÕES SIM, MAS PONTUAIS

Para alguns dos pesquisadores entrevistados, talvez as discussões sobre as possibilidades de interlocução entre a Antropologia Biológica e a Antropologia Sociocultural e outras áreas devessem levar em consideração casos específicos, e não se orientar por uma postura impositiva, apregoando um diálogo total ou geral como condição absoluta para um melhor desenvolvimento de toda e qualquer subárea da Antropologia. Tratar-se ia de “diálogos específicos entre áreas específicas”, o que nos remete, novamente, às colocações de AYELO (2016) e FUENTES & WIESNER (2016) sobre o assunto: Bioantropologia e Arqueologia para o povoamento do continente americano; Bioantropologia e Antropologia Sociocultural para as questões envolvendo “raça”, identidade e genômica, entre outros; Para Ricardo Santos, uma possibilidade de aproximação seria por intermédio do que se tem convencido chamar Antropologia da ciência. Em sua ótica, para obter um melhor conhecimento acerca das práticas dos grupos sob seu escrutínio (físicos, biólogos, astrônomos etc.), os antropólogos socioculturais teriam que se aprofundar nos conteúdos específicos de áreas diferentes da sua. Isso, possivelmente, ensejaria novas posturas quanto às possibilidades de diálogo interdisciplinar:

É a pesquisa e a formação de pessoas, de compreensão desses processos nessa escala. E, não sei, mas a discussão hoje não é tanto sobre Antropologia simétrica? O quanto pode ser válido o que o nativo está falando? Quando você faz Antropologia da ciência, como é que entra essa questão? É para levar a sério? Não sei que desenvolvimentos isso vai ter, mas é interessante pensar nisso. E eu acho que, realmente, pode haver um diálogo. Eu sempre fiquei muito impressionado, ao participar de alguns desses seminários, com a maneira como muitos antropólogos trabalham com a ciência e vão a fundo (RVS)<sup>9</sup>.

E ele cita o caso da filósofa norte-americana Donna Haraway.

Em uma reunião de Antropologia em São Francisco, quando eu apresentei o primeiro trabalho sobre o Sérgio Pena, eu me lembro de ver a Donna Haraway chegar com um livro de Fisiologia enorme! Todo mundo estranhou. Ela ia ser comentadora de uma mesa. E a Donna Haraway com aquela bíblia, deste tamanho, de Fisiologia. Até parecia um pouco de performance. E ela disse: “Não, é porque eu estou escrevendo um trabalho e tenho que ler materiais”. É interessante pensar a que grau de imersão algumas dessas reflexões têm levado os pesquisadores, porque eu acho que os debates “natureza X cultura” tradicionais na Antropologia possuem um certo tipo de superficialidade em termos do conhecimento dos argumentos nos dois lados. Me parece que existe, agora, uma tendência de se ir mais a fundo no conhecimento. Mas eu posso estar idealizando um pouco (RVS)<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Ricardo Santos está se referindo a eventos de Antropologia da ciência e tecnologia dos quais ele participou no exterior.

<sup>10</sup> Efetivamente, os temas da simetria nos estudos de Antropologia da Ciência e a imersão dos antropólogos nos conteúdos investigados são um capítulo à parte, e não é meu objetivo enfrentá-los aqui. Contudo, em termos gerais, muitos dos trabalhos mobilizados no âmbito dos Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia em geral, e da Antropologia da ciência em particular, etnográficos ou não, apresentam uma visão crítica do que historicamente se convencionou chamar de “ciência moderna” ou “ciência positiva”, além de chamarem a atenção para a questão do poder e das relações entre o fazer científico e processos socioculturais, políticos e econômicos mais amplos

Mas, no caso da Antropologia da ciência, a relação não seria mais do tipo pesquisador-objeto do que, necessariamente, um diálogo a ponto de os dois lados se beneficiarem do contato? Ricardo Santos versa sobre essa questão.

Talvez não seja um diálogo, mas eu acho que há exemplos concretos de mudanças de práticas profissionais, como no caso da Rayna Rapp. Você dá um curso de pós-graduação em que você tem as duas versões, de formações diferentes, na mesma mesa. E ela falou que, no caso dela, foi uma experiência muito importante para contrabalançar os argumentos. Eu acho isso bem interessante. É uma transformação. Eu acho que isso, de fato, é uma transformação (RVS).

Propostas e posturas desta natureza talvez concorressem para uma revisão do quadro descrito por Sheila Mendonça, que menciona a falta de diálogo, no Brasil, entre o que ela chama de “as Antropologias”. Para ela, a despeito de algumas mudanças ocorridas ao longo do tempo, ou mesmo quando determinados temas justificam aproximações, uma real integração ainda não haveria ocorrido, como no caso da Arqueologia, da qual se exige que “seja Antropologia”, mas sem possibilidades maiores de integração prática.

Eu acho que ao longo de todo esse tempo a gente teve alguma integração entre as Antropologias, mas nunca dentro do que se pretendia, ou daquilo que algumas pessoas pensaram. É muito dito no Brasil que “a Arqueologia é Antropologia ou não é nada”, mas, na verdade, eu acho que a gente aqui não avançou para a integração da Arqueologia com as Antropologias em geral, seja a Linguística, a Antropologia Social ou a própria Antropologia Biológica, embora eu tenha trabalhado na origem disso tudo (SMS).

Eu não sei, mas o que eu vejo é que, aparentemente, a gente continua com as Antropologias separadas, mesmo quando você tem temas que justificam as aproximações, embora o teu método seja diferente do meu, do outro. Então, essa questão é uma questão complicada, e isso a gente sente até em termos de barreiras institucionais. (SMS)<sup>11</sup>.

Já para Maria Cátira Bortolini, qualquer diálogo sobre “comportamento humano” entre Ciências Biológicas e Ciências Sociais permanece “impossível”.

Para a Antropologia Social, a influência da Genética tem sido muito pouca, nenhuma, ou quase nada. Não o que eu faço, mas toda a Genética de comportamento e áreas afins, como a Neurociência e a Genética da cognição. Nada disso é tido como relevante pelas Ciências Sociais. (MCB).

---

(ver, por exemplo, os trabalhos de THOMPSON, 2005, e MARTIN, 2006). Há de se considerar ainda que a emergência da Etnografia Multiespécie, cujo foco recai nas relações entre humanos e seres não humanos, tem feito contribuições substanciais e inovadoras para a Antropologia da Ciência, como se depreende dos estudos de SÁ (2010), HARAWAY (2011), TSING (2015), CARVALHO (2016) e SOARES (2018). Para uma crítica à Antropologia simétrica de Bruno Latour, ver BACHUR (2016).

<sup>11</sup> A questão envolvendo a Arqueologia e as suas relações com a Antropologia no Brasil é outro tema que, certamente, mereceria uma atenção particular e que, por razões tanto de objetivo quanto de conhecimento limitado, não tenho como desenvolver de forma aprofundada aqui. Como leitura introdutória à esta questão, tendo como exemplo a Bioarqueologia, ver um recente artigo da própria pesquisadora (SOUZA, 2019). Para um panorama da Arqueologia no Brasil, ver PROUS (1992), CALIPPO (2013), FUNARI (2013) e COSTA (2013). Para uma introdução à história e correntes da Arqueologia mundial, inclusive no que se refere às suas relações com a História e a Antropologia, ver: HODDER (1994); JOHNSON (2000) e TRIGGER (2004).

D'onde, aliás, viria essa suposta resistência, por parte dos antropólogos socioculturais, com relação aos estudos biológicos relacionados à espécie humana? Para Maria Cátira Bortolini, se em uma perspectiva sincrônica isso parece fazer sentido, por que ela se manteria atualizada no presente? O que de fato aconteceu para termos o quadro que temos hoje?

Como é que se vai entender o comportamento humano sem que se levem em conta vários dos nossos aspectos como animais culturais, que desenvolvemos cultura? Como uma das espécies de primatas com uma capacidade de desenvolver cultura e que até o momento não tem igual em espécie alguma? Eu não consigo entender por que isso ocorre nos dias de hoje... Eu posso entender no início do século passado, no final da segunda guerra mundial, por causa de toda a questão envolvendo o mau uso de dados biológicos para coisas que envolviam discriminação ou coisas assim. Mas não posso entender por que se perpetua até hoje esse preconceito (MCB)<sup>12</sup>.

Para além da Antropologia da ciência mencionada por Ricardo Santos, outra possibilidade de interface entre a Antropologia Sociocultural e a Bioantropologia seriam os estudos bioarqueológicos e paleopatológicos. Para Sheila Mendonça, eles forneceria aos antropólogos socioculturais informações sobre gestos por trás de determinados acontecimentos, que deixam marcas nos corpos. Além disso, eles igualmente interessariam à Antropologia Sociocultural porque investigariam elementos materiais que se remetem ao “comportamento humano”. Dessa maneira, de acordo com a pesquisadora, estudos dessa natureza seriam extremamente pertinentes aos antropólogos socioculturais, mas ela se pergunta: “estariam eles, de fato, interessados em tais temáticas e em tais perspectivas? Estariam eles, realmente, interessados em fazer essas pontes?”

Ontem eu estava trabalhando essa questão com o Andersen [Lyrio]. Uma fratura no crânio que a gente estava trabalhando sinaliza para o fato de aquele crânio ter sido rompido, forçado, quando ainda estava muito fresco. Aquilo nos obriga a pensar algumas coisas em relação aos gestos sobre aquela sepultura, acidentais ou intencionais. Então, a Biologia e a Patologia começam a entrar como elementos fundamentais na decodificação de gestos, de atos, de opções, de comportamentos. Essa é a ponte para a Antropologia. A Arqueologia está percebendo esse potencial e chamando os antropólogos biológicos mais para dentro dela, porque esse interesse também não existia. Era assim: o arqueólogo trazia os ossinhos, colocava em cima da sua mesa e dizia “o que é isso”? Agora ele pega o antropólogo, coloca lá no campo e diz: “Vamos abrir isso daqui juntos, vamos fazer essa pesquisa juntos”. Porque cada pá de terra retirada é importante para se entender o que estava acontecendo ali. Do contexto ao ossinho que eu vou analisar na mesa, tudo isso são etapas de interpretações que remetem às atitudes,

<sup>12</sup>A literatura a respeito das relações entre Antropologia e determinismo biológico é vasta, e cobre temas que vão da possibilidade de classificação dos diferentes grupos humanos em “raças puras” à Eugenia, passando por questões envolvendo saúde, inteligência, cultura, linguagem etc. Para uma crítica geral ao determinismo biológico, ver GOULD (1999). Para um histórico de como a Antropologia, durante parte de seu desenvolvimento, orientou-se pela defesa do determinismo racial, ver STOCKING JR (1968), SCHWARCZ (1993) e SANTOS (1996). Para uma discussão ampliada sobre como a Genética de Populações Humanas vem informando questões relativas à saúde, cultura, política e “raça” na América Latina, inclusive no Brasil, ver WADE, BELTRÁN, RESTREPO & SANTOS (2014). Por fim, para uma introdução ao universo das teses biodeterministas de base sociobiológica e às críticas aos seus modelos, ver SILVA (1993), WILSON (2004), RICHERSON & BOYD (2006) e DAWKINS (2007).

aos gestos, à cultura. É claro que é Antropologia<sup>13</sup> (SMS).

A gente, com certeza, tem uma estrada aí. São pontes. Eu vim agora de um congresso em que a questão, por exemplo, dos rituais de morte, do comportamento na área andina envolvendo sacrifícios... Gente, isso não é Arqueologia. Eu acho que isso é absolutamente pertinente ao campo antropológico. Agora, quantos antropólogos estavam sentados ali? Eu não sei (SMS).

Em todo caso, os próprios profissionais atuantes em Antropologia Biológica estariam tomando a iniciativa de “fazer essas conexões”, incorporando em suas investigações, na medida do possível, informações e proposições oriundas não só da literatura antropológica sociocultural, mas de outras ciências humanas, como a História e a Linguística, sem contar a Arqueologia. Seria uma tentativa de elucidação de determinados problemas encontrados no plano orgânico/biológico a partir de fatores socioculturais. Mas esse diálogo seria, ainda segundo alguns entrevistados, apenas de mão única.

Com referência à Antropologia Biológica, a maior interface dela, não tenha dúvida, é com a Arqueologia. E, obviamente também na Antropologia Biológica há uma interface grande com a... Eles não nos querem, mas nós os queremos [antropólogos socioculturais]. Então, a gente está sempre tentando, por exemplo, através dos esqueletos, reconstituir estrutura e organização social, e, para isso, nós temos que estudar a estrutura e a organização social de grupos caçadores-coletores, de grupos “tribais”. Então, nós absorvemos parte da produção da Antropologia Sociocultural, mas, infelizmente, a recíproca não é verdadeira (WAN).

Eu já falei. Eu acho que a gente tem uma quantidade enorme de questões para serem trabalhadas juntas. Trabalhar evidências, trabalhar informações, aportar informações, ou, pelo menos, hipóteses, questões que deveriam estar sendo tratadas como diálogo. E é claro que precisamos dos modelos que a Antropologia Cultural produz, porque eu precisava que a Etnografia me trouxesse mais aportes... Eu me remeto com frequência à Manuela Carneiro, eu me remeto com frequência à Aparecida Villaça, eu preciso das poucas pessoas que trabalharam a questão funerária, a questão do corpo. Eu vejo isso como indissociável, eu não trabalho sem essa informação. Agora, se essas pessoas estão interessadas na informação que eu estou produzindo, ou que eu tenho potencial para produzir, eu não sei, mas... Como não sentamos juntos para trabalhar... (SMS).

Ponto já destacado em outros momentos deste artigo, depreende-se das falas arroladas até aqui que a defesa de uma interlocução entre a Antropologia Biológica e a Antropologia Sociocultural, ou que envolva a Arqueologia e outras áreas, não se orienta por um imperativo *a priori*. De modo distinto, as falas, com seus respectivos indicativos de pontes dialógicas, aproximam-se muito mais das proposições gerais feitas por autores como HODDER (2005), PALSSON (2013), FUENTES & WIESNER (2016) ou mesmo VÉRAN (2012). E embora os pesquisadores brasileiros, em seus testemunhos, não indiquem ou mencionem várias

<sup>13</sup>São interessantes essas referências à dimensão do “comportamento humano” em relação à Antropologia por parte de Sheila Mendonça e Maria Cátira Bortolini porque, de certa forma, elas nos remetem ao modo pelo qual, por exemplo, STOCKING JR (1968) se refere à Antropologia como uma *behavioral science*. Com relação aos estudos paleopatológicos no Brasil, ver FERREIRA, REINHARD & ARAÚJO (2008) e SOUZA (2011 e 2019).

das fontes bibliográficas aqui mobilizadas, cumpre destacar que, efetivamente, podem ser encontradas iniciativas similares ao que eles defendem. Por exemplo, em alguns casos, um único conceito, como o de *biossocial becomings* (INGOLD, 2013), é mobilizado em exercícios teóricos e/ou etnográficos sobre os mais variados temas: evolução humana (FUENTES, 2013); talassemia (RAMIREZ-GOICOECHEA, 2013); relações entre humanos e não humanos (MANGIAMELI, 2013); animismo (PRAET, 2013). Em outros casos, estudos com orientações teóricas e procedimentos metodológicos distintos têm em comum o objetivo de promover um diálogo entre duas ou mais subáreas da Antropologia a partir de temas / fenômenos / objetos em que isso se revelar factível (FUENTES & WIESNNER, 2016): a aplicação do conceito de construção de nicho para entender o desenvolvimento de características fenotípicas em grandes centros urbanos (DOWNEY, 2016); a associação da etnografia com as premissas da síntese evolucionária expandida e com a ideia de construção de nicho para pensar questões antropológicas de alta complexidade (FUENTES, 2016); os papéis concomitantes da cultura e dos hormônios no desenvolvimento da paternidade (GETTLER, 2016); a contenção dos surtos de Ebola (HEWLETT, 2016); abordagens bioculturais de modos de vida de populações ribeirinhas (DA-GLÓRIA & PIPERATA, 2019); além dos debates suscitados pela Primatologia, junto à Antropologia Sociocultural, sobre comportamento humano e de primatas não humanos, sobre singularidade humana e sobre as relações entre humanos e animais não humanos (RAPCHAN, 2019); entre outros.

### TERCEIRO EIXO: TENSÕES INTERNAS À PRÓPRIA BIOANTROPOLOGIA

Em Bioantropologia, as tensões interdisciplinares, ou a falta de diálogo entre diferentes especialidades, não se circunscrevem ao eixo Antropologia Biológica – Antropologia Sociocultural. Em verdade, tensões dessa natureza são encontradas nas e entre diversas outras áreas do conhecimento. É o que se observa, por exemplo, no caso específico da vertente biológica da Antropologia, nas relações entre uma perspectiva mais molecular (Genética de Populações Humanas) e outra mais morfológica (Paleoantropologia) sobre o tema do povoamento do continente americano. Se para Walter Neves não haveria uma tensão entre a Genética e a Paleoantropologia, e sim algo mais forte, “uma indiferença, por parte dos geneticistas, para com os estudos de ordem morfológica”, mesmo quando ambas as áreas chegam ao mesmo veredicto, para Maria Cátira Bortolini, ao mencionar as possíveis articulações entre a Genética e outras áreas, “seria preconceito ou má informação alguém falar do povoamento da América sem falar dos dados genéticos”<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Nestas duas passagens os pesquisadores não estão, necessariamente, referindo-se um ao outro.

Eu não diria que existe uma tensão, mas eles nos ignoram solenemente. Inclusive, eu tenho lido dezenas de artigos de biólogos moleculares e de geneticistas que trabalham com a questão da origem do homem na América, e nós não somos citados. Apesar de a gente ter publicado no *PNAS*, no *American Journal of Physical Anthropology*, no *Human Evolution*, e de ter mandado as nossas publicações para todas essas pessoas, nós somos solenemente ignorados. Nós citamos muito os geneticistas e os biólogos moleculares, mas a recíproca não é verdadeira. Inclusive, dois desses *papers*, também propondo uma ocupação dual do continente americano... Então, a primeira coisa que você vai achar é “bom, o meu trabalho deve estar citado lá, porque eu estou defendendo esse modelo desde 1989”. E você vai e não tem nenhuma referência a nenhum trabalho de morfologia. Mesmo quando esses trabalhos de morfologia convergem com os resultados obtidos com o DNA. Eu chamo isso de “a ditadura do DNA”. E aqui é um departamento interessante, porque 99,9% das pessoas trabalham com DNA. Então, essa é a ditadura do DNA. É uma pena. Mas não existe uma tensão. Eu acho que eles simplesmente nos ignoram (WAN).

De que forma ela se articula? Por exemplo, na Genética Histórica. Na verdade, a gente acabou se envolvendo, fazendo um tipo de ciência que está interferindo em disciplinas tradicionais, como a História e a Arqueologia. No momento em que tu consegues, através do genoma de populações contemporâneas, traçar uma trajetória sobre, por exemplo, o povoamento das Américas, que antes era feita somente através da Arqueologia, da Paleoantropologia e da Linguística, você acaba se metendo. É uma novidade. É difícil falar hoje de povoamento da América sem falar do dado genético. Então, a gente entrou muito forte em algumas áreas. Seria preconceito ou má informação alguém falar do povoamento da América sem falar dos dados genéticos. Em outras áreas também, como na evolução humana como um todo. O que o dado genético diz? Antes também. Só tinha a Paleoantropologia e a Arqueologia para contar. Vinham os fósseis, os homínidos, os artefatos. E aí a Genética veio de maneira muito importante (...) para mostrar a origem da humanidade, como foi a sua dispersão etc. (MCB).

Agora, eu acho que hoje os nossos grandes opositores são os geneticistas. A grande oposição hoje são os geneticistas, porque para os geneticistas houve apenas uma leva de ocupação humana. E a morfologia mostra claramente que foram duas levadas. Então, hoje o grande problema é o diálogo com os geneticistas e os biólogos moleculares. Como eu te disse, às vezes até chegam a propor modelos de ocupação dual e simplesmente não citam absolutamente nada sobre o nosso trabalho (WAN)<sup>15</sup>.

Para Maria Cátira Bortolini, esse impacto da Genética sobre outras áreas, ou “hegemonia do DNA” dentro das próprias Ciências Biológicas, pode estar associado à forma pela qual o ácido nucléico passou a interferir em assuntos cotidianos e práticos, como os testes de paternidade e os diagnósticos médicos.

<sup>15</sup>Os debates em torno do tema do povoamento da América são tão antigos quanto a história da Antropologia no Brasil, têm mobilizado especialistas brasileiros e estrangeiros, e podem ser rastreados até a primeira metade do século XIX, quando o paleontólogo dinamarquês Peter Lund encontrou remanescentes ósseos humanos na região de Lagoa Santa, Minas Gerais. A literatura a respeito deste assunto é abundante e, assim como nos casos anteriormente assinalados em outras notas, por razões de objetivos não o desenvolverei aqui. De qualquer maneira, uma introdução ao tema pode ser feita a partir de NEVES & PILÓ (2008) e DA-GLÓRIA, NEVES & HUBBE (2017). Um breve resumo dos debates envolvendo antropólogos biológicos, geneticistas e arqueólogos, entre outros, com indicações bibliográficas, pode ser encontrado em GASPAR NETO (2017a). Para uma imersão mais técnica e metodológica, ver: GONZÁLES-JOSÉ & BORTOLINI (2011); GONZÁLES-JOSÉ, BORTOLINI, SANTOS & BONATTO (2008); HUBBE, NEVES & HARVATI (2010); NEVES & HUBBE (2005).

A Genética passou a ser algo que, do ponto de vista prático, pode ser incorporado no cotidiano das pessoas. De que maneira? Ela entrou para a sociedade civil, por exemplo, na questão da determinação de paternidade. Avassalador! Antes, para a determinação de paternidade o juiz chamava testemunhas e conversava, com aqueles processos se arrastando. Eu não sei mais como é hoje lá no tribunal, mas se não tem o DNA ali, ou se tem o DNA, acabou a conversa. Basta para o juiz dar a sentença, dizer se é ou não o pai, se vai pagar ou não a pensão (MCB).

Outro problema no que concerne às dificuldades de interlocução dentro da própria Antropologia Biológica estaria, por exemplo, no acesso às coleções arqueológicas e osteológicas. E, em termos práticos, isso haveria contribuído também, segundo Walter Neves, para a estagnação da Bioantropologia brasileira durante algum tempo.

Eu acho que tem uma coisa que também ajudou a enclacar a Antropologia Física brasileira porque, como eu te falei, eu peguei a Antropologia Física do século XIX e a trouxe para o século XX. E agora eu brinco dizendo que são os meus alunos que têm que trazê-la para o século XXI, porque a minha parte já está feita. Estou falando do acesso a coleções. Isso é um problema seríssimo no Brasil. A maior parte dos arqueólogos e dos antropólogos físicos se sentia dona das coleções que eles tinham sob a custódia deles, até pouco tempo atrás. Isso melhorou muitíssimo nos últimos cinco, seis anos, mas até muito recentemente as pessoas se achavam donas dos materiais, e não abriam esses materiais para outros colegas. Olhe que coisa sintomática, o meu primeiro trabalho sobre a questão, e que foi publicado em 89, na *Ciência & Cultura*, e depois publicado no *Journal of Human Evolution*, foi com a coleção Lund, que está em Copenhague. Por quê? Porque na época eu não tinha acesso às coleções que estavam no Brasil. Então eu precisei ir a Copenhague, coletar os dados da coleção do Lund, para fazer o meu primeiro trabalho. Então, isso também emperrou muito o desenvolvimento da Antropologia Física no Brasil. Mas, felizmente, está mudando (WAN).

Como se pode notar, as falas arroladas nesta e nas seções anteriores revelam como o tema da interlocução, ou da interdisciplinaridade, com todas as suas tensões, é um ponto sensível no que se refere à situação da Antropologia Biológica no país. Não que lhe seja exclusivo, posto permear boa parte das discussões em torno das práticas e políticas científicas, no sentido de se asseverar, grosso modo e cada vez mais, a ideia de que pesquisas de ponta são, sobretudo, pesquisas interdisciplinares (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006). Contudo, ele assume certas especificidades no caso em apreço, apresentando-se mesmo como um gládio.

Para além da dimensão epistemológica (teorias biológicas *versus* teorias socioculturais sobre determinadas matérias de pesquisa), o tema das possibilidades de interlocução entre a Bioantropologia e outras áreas da Antropologia se refere, de diferentes modos (“a marginalidade da Antropologia Biológica”, “a pouca integração das Antropologias”), a um conjunto de arranjos que se remetem, por seu turno, a um desenvolvimento histórico específico da Antropologia no Brasil e a determinadas posturas no presente, com consequências práticas com relação ao lugar institucional hoje ocupado pelos estudos bioantropológicos no país. Em suma, o tema da interdisciplinaridade é apenas um aspecto das trocas e não

trocas envolvendo as várias frentes disciplinares que possivelmente comporiam (ou não) hoje a Antropologia brasileira. Como numa partícula atômica, ao seu redor “orbitam” todos os outros assuntos discutidos em outros trabalhos (GASPAR NETO, 2017a e 2017b).

Não por menos, as impressões dos quatro pesquisadores apresentam-se nuançadas, ora nas convergências ora nas divergências entre si. Mas isso não é tudo. Nuanças também podem estar presentes nas falas de um mesmo personagem, como se vê nos excertos a seguir.

Talvez o único profissional atuante na área de Antropologia Biológica no Brasil a ter publicações na *Revista de Antropologia* em um período mais recente, Walter Neves falou um pouco da experiência de publicar artigos versando sobre evolução humana e Paleoantropologia em um periódico majoritariamente dedicado aos estudos socioculturais em Antropologia.

Agora, eu tenho me sentido muito bem-vindo em publicar na *Revista de Antropologia*. Se eu disser que eu tive algum escrito que não foi considerado para a publicação, por ser de Antropologia Biológica, Antropologia Ecológica, evolução humana, eu estaria mentindo. Eu me sinto muito bem-vindo na *Revista de Antropologia*. Talvez até porque em se fazendo assim a gente esteja um pouco recuperando a ideia dos fundadores, de você ter vários campos representados (WAN)<sup>16</sup>.

Por sua vez, Maria Cátira Bortolini, que cursou disciplinas na Antropologia Sociocultural durante o seu doutorado, e defende a oferta de disciplinas de Ciências Sociais no curso de Ciências Biológicas, pensando especialmente naqueles profissionais que trabalharão com temas envolvendo a espécie humana, menciona o pouco interesse, por parte dos geneticistas, pelos temas discutidos pelos cientistas sociais. Em suma, o diálogo, quando não inexistente, seria realmente tenso.

Sim, tanto é que, quando eu fiz o meu doutorado, fui buscar essa disciplina na pós-graduação em Antropologia Cultural, porque não é dada aqui. Eu fiz com o professor Ari Pedro Oro a disciplina... Eu não me lembro do nome da disciplina, mas era sobre a construção de identidade. Como é que a construção da identidade se dá em grupos. Eu achei muito legal, e foi muito importante para mim. É o tipo de disciplina que seria interessante que uma pessoa que trabalhasse com evolução humana tivesse. Disso eu não tenho a menor dúvida. Então, eu acho que a contrapartida seria legal. Mas eu vejo menos preconceito por parte dos geneticistas com os antropólogos culturais... Não, eu vou retirar o que eu disse. Eu não vejo menos. Na verdade, o pessoal não fala muito sobre os antropólogos sociais. A gente conversa e tem discussões muito agradáveis no almoço, entre colegas, e eles estão muito curiosos com esse fato de eu, o meu laboratório e os estudantes, virarmos objeto de investigação de antropólogos. A gente conversa e troca ideias a respeito, mas é uma coisa meio afastada, sabe? Essa é que é a verdade. É uma coisa afastada do nosso cotidiano, apesar da proximidade física (MCB).

<sup>16</sup>Walter Neves faz referência à proposta editorial de Egon Schaden, fundador da revista. Aliás, o artigo que abre o primeiro número da *Revista de Antropologia* (Vol. 1º, Ano 1 – junho de 1953), o mais antigo periódico exclusivamente dedicado à Antropologia no Brasil, versa sobre Antropologia Biológica. Trata-se de VERSCHUER (1953), já citado aqui.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos de Maria Cátira Bortolini, Ricardo Ventura Santos, Sheila Mendonça de Souza e Walter Alves Neves, a despeito de certos pontos em comum (lacunas na formação de antropólogos no Brasil; diálogos interdisciplinares onde for possível) também apresentam traços distintivos. Naturalmente, essa pluralidade reflete também a própria pertença, de cada um deles, a uma ou mais especialidades dentro da Antropologia Biológica, sua dedicação a linhas e temas de investigação científica, assim como suas próprias trajetórias pessoais<sup>17</sup>. Além disso, suas falas vão ao encontro de várias discussões e iniciativas, em diferentes partes do mundo, protagonizadas por antropólogos pertencentes a tradições e especialidades as mais diversas, e que procurei apresentar aqui por meio de uma razoável cobertura bibliográfica. Creio que em ambos os casos, testemunhos locais e trabalhos teórico-etnográficos, ficam aqui registradas não fórmulas prontas, mas antes algumas sugestões com potencial intelectual provocativo para uma interlocução entre as subáreas da Antropologia e outras disciplinas.

Num momento em que se observa o desmoronamento das fronteiras artificialmente construídas entre humanos e não-humanos, em que novas frentes disciplinares, como a Neurociência, fazem progressos assombrosos e ganham protagonismo, em que a chamada “Revolução Digital” se assenhora das relações interpessoais, políticas e econômicas em escala global, e em que as alterações climáticas são uma realidade urgente, cada vez mais os determinismos biológico e cultural que marcaram, e ainda marcam, a Antropologia, revelam-se teoricamente limitados e mesmo obsoletos. Ao lado de todos os tópicos mencionados pelos entrevistados, mais aqueles dispostos na bibliografia consultada, todos esses são temas que demandarão um investimento contínuo em esforços de interlocução, o que de modo algum elide desacordos e tensões, como bem assinalara CARDOSO DE OLIVEIRA (2006). Atentos a isso, ao que parece, para alguns pesquisadores a largada já foi dada.

---

<sup>17</sup> Para esse último ponto, ver GASPAR NETO (2017b).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, Paulo C. Natureza e cultura. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 7-21, 2014a.
- ABRANTES, Paulo C. Conflito e cooperação na evolução humana. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 289-301, 2014.
- ALMEIDA, Fábio Portela L. A teoria dos sistemas. Entre a sociologia e a biologia. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 257-269, 2014.
- AYELO, Leslie. Reintegrating anthropology: from inside out. **Current Anthropology**, v. 57, sup. 13, p. S1-S2, 2016.
- BACHUR, João Paulo. Assimetrias da antropologia simétrica de Bruno Latour. **Revista Brasileira de Ciências Sociais, RBCS**, v. 31, n. 92, e319209.
- BISSO-MACHADO, Rafael; HÜNEMEIER, Tábata; BORTOLINI, Maria Cátira. Coevolução gene-cultura. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 165-173, 2014.
- BIZZO, Nelio. Primeiras teorias sobre a evolução humana: cérebro avantajado *versus* postura ereta, do *Anthropithecus* ao *Australopithecus*. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 23-41, 2014.
- BOROFKY, Robert. The four subfields: anthropologists as mythmakers. **American Anthropologist**, v. 104, n. 2, p. 463-480, 2002.
- CALIPPO, Flávio Rizzi. Estabelecendo diálogos entre o passado e o presente: reflexões sobre novas perspectivas na arqueologia brasileira. **Ciência & Cultura**, v.65, n. 2, p. 22, 2013.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Antropologia e interdisciplinaridade. In: ECKERT, Cornelia; GODOI, Emília Pietrafesa de (Orgs.). **Homenagens: Associação Brasileira de Antropologia – 50 anos**. Blumenau: Nova Letra, 2006. p. 51-56.
- CARVALHO, Marcos Castro. Producing chimeras: lineages of rodents, laboratory scientists and the vicissitudes of animal experimentation. **Vibrant**, v. 13, n. 2, p. 160-176, 2016.
- CASTRO FARIA, Luiz de. Dez anos após a primeira reunião brasileira de antropologia. In: **Antropologia escritos exumados: espaço circunscrito- tempos soltos**. Niterói: EdUFF, 1998. p. 27-54. v. 1. (Coleção Antropologia e Ciência Política, 13).
- CASTRO FARIA, Luiz de. O estado atual da antropologia física no Brasil. In: **Antropologia escritos exumados: dimensões do conhecimento antropológico**. Niterói: EdUFF, 2000a. p. 123-132. V. 2. (Coleção Antropologia e Ciência Política, 19).
- CASTRO FARIA, Luiz de. Pesquisas de antropologia física no Brasil. In: **Antropologia escritos exumados: dimensões do conhecimento antropológico**. Niterói: EdUFF, 2000b. p. 17-122. v. 2. (Coleção Antropologia e Ciência Política, 19).
- COSTA, Diogo M. Algumas abordagens teóricas na arqueologia histórica brasileira. **Ciência & Cultura**, v. 65, n. 2, p. 30-32, 2013.
- DA-GLÓRIA, Pedro. Evolução da história de vida humana. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 79-93, 2014.
- DA-GLÓRIA, Pedro; NEVES, Walter Alves; HUBBE, Mark. **Archaeological and paleontological research in Lagoa Santa**. The quest for the first Americans. Cham: Springer, 2017.

DA-GLÓRIA, Pedro; PIPERATA, Barbara A. Modos de vida dos ribeirinhos da Amazônia sob uma abordagem biocultural. **Ciência & Cultura**, v. 71, n. 2, p. 45-51, 2019.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DOBZHANSKY, Theodosius. A evolução humana. **Revista de Antropologia**, v. 4, n. 2, p. 97-102, 1956.

DOWNEY, Greg. Being human in cities: phenotypic bias from urban niche construction. **Current Anthropology**, v. 57, sup. 13, p. S52-S51, 2016.

FERREIRA, Luiz Fernando; REINHARD, Karl Jan; ARAÚJO, Aduino. **Paleoparasitologia**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

FUENTES, Agustin. The new biological anthropology: bringing Washburn's new physical anthropology into 2010 and beyond – the 2008 AAPA Luncheon Lecture. **Yearbook of Physical Anthropology**, v. 53, p. 2-12, 2010.

FUENTES, Agustín. Blurring the biological and social in human becomings. In: INGOLD, Tim; PALSSON, Gísli. (Ed.). **Integrating Social and Biological Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 42-58.

FUENTES, Agustín. The extended evolutionary synthesis, ethnography, and the human niche: toward an integrated anthropology. **Current Anthropology**, v. 57, sup. 13, p. S13-S26, 2016.

FUENTES, Agustin; WIESNER, Polly. Reintegrating anthropology: from inside out. An introduction to supplement 13. **Current Anthropology**, v. 57, sup. 13, p. S3-S12, 2016.

FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. **Ciência & Cultura**, v. 65, n. 2, p. 23-25, 2013.

GASPAR NETO, Verlan Valle. Contributions to a historical review of biological anthropology in Brazil from the second half of the twentieth century. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, v. 12, n. 2, p. 517-533, 2017a.

GASPAR NETO, Verlan Valle. Biological Anthropology in Brazil: a preliminary overview. **Vibrant**, v. 14, n. 3, e143034, 2017b.

GASPAR NETO, Verlan Valle. Antropologia biológica: uma breve incursão histórica. **Ciência & Cultura**, v. 71, n. 2, p. 21-23, 2019.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GETLER, Lee T. Becoming DADS: considering the role of cultural context and developmental plasticity for paternal socioendocrinology. **Current Anthropology**, v. 57, sup. 13, p. S38-S51, 2016.

GONZÁLES-JOSÉ, Rolando; BORTOLINI, Maria Cátira. Integrating different biological evidence around some microevolutionary processes: bottlenecks and Asian-American Arctic gene flow in the New World settlement. **Evolution: Education and Outreach**, [S.1], v. 4, s.1, p. 232-243, 2011.

GONZÁLES-JOSÉ, Rolando; BORTOLINI, Maria Cátira; SANTOS, Fabrício R.; BONATTO, Sandro L. The peopling of America: craniofacial shape variation on the continental scale and its interpretation from an interdisciplinary view. **American Journal of Physical Anthropology**, [S.1], v. 137, n. 2, p. 175-187, 2008.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GUIDON, Niede. Pré-história da região do Parque Nacional da Serra da Capivara. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 217-230, 2014.

HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, v. 17, n. 35, p. 27- 64, 2011.

HEWLETT, Barry S. Evolutionary cultural anthropology: containing ebola outbreaks and explaining hunter-gatherer childhoods. **Current Anthropology**, v. 57, sup. 13, p. S27-S37, 2016.

HODDER, Ian. **Interpretación en arqueología**: corrientes actuales. Barcelona: Crítica, 1994.

HODDER, Ian. An archaeology of the four-field approach in anthropology in the United States. In: SEAGAL, Daniel A.; YANAGISAKO, Sylvia J. (Ed.). **Unwrapping the sacred bundle**: reflections on the disciplining of anthropology. Durham and London: Duke University Press, 2005. p. 126-140.

HUBBE, Mark; NEVES, Walter Alves; HARVATI, Katerina. Testing evolutionary and dispersion scenarios for the settlement of the New World. **PLoS ONE**, [S.l.], v. 5, n. 6, 2010.

INGOLD, Tim (Ed.). **Companion encyclopedia of Anthropology**: humanity, culture and social life. London and New York, 1994a.

INGOLD, Tim. Humanity and animality. In: INGOLD, Tim (Ed.). **Companion encyclopedia of Anthropology**: humanity, culture and social life. London and New York, 1994b. p. 14-32.

INGOLD, Tim. Becoming persons: consciousness and sociality in human evolution. In: MOORE, Henrietta; SANDERS, Todd (Ed.). **Anthropology in theory**: issues in epistemology. Malden, Oxford, Carlton: Blackwell Publishing, 2006a. p. 180-192.

INGOLD, Tim. Sobre a distinção entre evolução e história. **Antropolítica**, n. 20, p. 17-36, 2006b.

INGOLD, Tim. From complementary to obviation: on dissolving the boundaries between Social and Biological Anthropology, Archaeology, and Psychology. In OYAMA, Susan; GRIFFITHS, Paul & GRAY, Russell. (orgs). **Cycles of Contingency**. Developmental Systems and Evolution. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 2001. p 255-279.

INGOLD, Tim. 2013. Prospect. In: INGOLD, Tim; PALSSON, Gísli. (Ed.). **Integrating Social and Biological Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 1-21.

INGOLD, Tim; PALSSON, Gísli. (Ed.). **Integrating Social and Biological Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

INGOLD, Tim. **Evolução e vida social**. Petrópolis: Vozes, 2019.

JOHNSON, Mathew. **Teoría arqueológica**: una introducción. Barcelona: Ariel, 2000.

KENT, Michael; SANTOS, Ricardo Ventura. "Os Charruas vivem" nos gaúchos: a vida social de uma pesquisa de "resgate" genético de uma etnia indígena extinta no

Sul do Brasil. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 341-372, 2012.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas levantados por seu ensino. In: **Antropologia estrutural**. São Paulo, Cosac Naify, 2012. p. 489-540.

MANGIAMELI, Gaetano. The habits of water: marginality and the sacralization of non-humans in North-Eastern Gana. In: INGOLD, Tim; PALSSON, Gísli. (Ed.). **Integrating Social and Biological Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 145-161.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MÜLLER, Leticia Morgana; SILVA, Hilton Pereira. A construção da antropologia biológica na Universidade Federal do Pará e a formação nos "quatro campos". **Ciência & Cultura**, v. 71, n. 2, p. 51-57. 2019.

MUSSOLINI, Gioconda (Org.). **Evolução, raça e cultura**. 3 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

NECO, Lúcia; RICHERSON, Peter J. Was human evolution driven by pleistocene climate change? **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 107-117, 2014.

NEVES, Walter Alves; HUBBE, Mark. Cranial morphology of early Americans from Lagoa Santa: implications for the settlement of the new world. **PNAS**, [S.l.], v. 102, n. 51, p. 18309-18314, 2005.

NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luís Beethoven. **O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.

OLIVEIRA, Silviene Fabiana de; ARCANJO, Ana Carolina; ROJAS, Nilda Maria Diniz. Podemos classificar e dividir humanos em raças? **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 199-216, 2014.

PALSSON, Gísli. Ensembles of biosocial relations. In: INGOLD, Tim; PALSSON, Gísli. (Ed.). **Integrating Social and Biological Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 22-41.

PIEVANI, Telmo. Between skeptics and adaptationists. New prospects for human language evolution. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 149-163, 2014.

PLAZAS, Carlos Arturo; ROSAS, Alejandro. La transición en el género *Homo*. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 271-287, 2014.

PRAET, Istvan. Humanity and life as the perpetual maintenance of specific efforts: a reappraisal of animism. In: INGOLD, Tim; PALSSON, Gísli. (Ed.). **Integrating Social and Biological Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 191-210.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora UNB, 1992.

RAMIREZ-GOICOECHEA, Eugenia. Life-in-the-making: epigenesis, biocultural environments and human becoming. In: INGOLD, Tim; PALSSON, Gísli. (Ed.). **Integrating Social and Biological Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 59-83.

RAPACHAN, Elaine Sebeika. **Somos todos primatas**. E o que a Antropologia tem

a ver com isso? Curitiba: Appris, 2019.

RICHERSON, Peter J; BOYD, Robert. **Not by genes alone**: how culture transformed human evolution. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. O pensamento simbólico complexo: origens e controvérsias. Reflexões a partir de evidências de adornos, práticas funerárias e arte. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 137-148, 2014.

SÁ, Guilherme. "Abraços de mono": elos perdidos e encontros intersubjetivos em etnografia com primatólogos no Brasil. **Mana**, v. 16, n. 1, p. 179-211, 2010.

SALZANO, Francisco Mauro. A antropologia no Brasil: é a interdisciplinaridade possível? **Amazônica**, v. 1, n.1, p. 12-27, 2009.

SALZANO, Francisco Mauro. Estamos mudando? Biologia, cultura e evolução. **Ciência Hoje**, v. 50, n. 297, p. 20-25, 2012.

SALZANO, Francisco Mauro. Pesquisas sobre evolução humana no Brasil. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 187-198, 2014.

SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, de raça à população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 125-139, 1996.

SANTOS, Fabrício R. Evolução humana: uma história de ossos e DNA. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 43-65, 2014.

SCHADEN, Egon. Problemas do ensino da antropologia. **Revista de Antropologia**, v.2, n. 1, p. 1-10, 1954

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEAGAL, Daniel A.; YANAGISAKO, Sylvia J. (Ed.). **Unwrapping the sacred bundle**: reflections on the disciplining of anthropology. Durhan and London: Duke University Press, 2005.

SILVA, Gláucia. **O que é sociobiologia**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SILVA, Gláucia. Os antropólogos devem, sim, falar de biologia: a contribuição de Tim Ingold para uma reflexão sobre o darwinismo hoje. In: STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (Orgs.). **Cultura, percepção e ambiente**. Diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. p. 121-136.

SILVA, Hilton Pereira. Evolução humana, biologia, cultura e o ambiente iatrogênico da modernidade. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 175-186, 2014.

SOARES, Guilherme Henrique. Neurobiologia das plantas: uma perspectiva inter-específica sobre o debate. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69: 226-249, 2018.

SOUZA, Sheila Mendonça de. Paleopatologia no Brasil: crânios, parasitos e doenças do passado. In: FERREIRA, Luiz Fernando; REINHARD, Karl Jan; ARAÚJO, Adauto. **Fundamentos da Paleoparasitologia**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 53-68.

SOUZA, Sheila Mendonça de. Bioarqueologia no Brasil: constituindo um campo, consolidando um conceito. **Ciência & Cultura**, v. 71, n. 2, p. 25-30, 2019.

STOCKING JR, George W. **Race, culture and evolution**: Essays in the history of anthropology. New York: The Free Press, 1968.

TOLEDO, Gustavo Leal. Naturalizando o comportamento e a cultura. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 231-243, 2014.

THOMPSON, Charis. **Making parents: the ontological choreography of reproductive technologies**. Cambridge, London: The MIT Press, 2005.

TRIGGER, Bruce Graham. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha - Revista de Antropologia**, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

VÉRAN, Jean-Fraçois. Old bones, new powers. **Current Anthropology**, v. 53, sup. 5, p. S246-S255, 2012.

VERSCHUER, Otmar.FRHR. V. Resultados da genética para a antropologia. **Revista de Antropologia**, v. 1, n. 1, p. 5-17, 1953.

VISCARDI, Lucas Henriques; BORTOLINI, Maria Cátira. A indústria lítica dos homínios do plioceno ao pleistoceno. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 95-106, 2014.

WADE, Peter; BELTRÁN, Carlos López; RESTREPO, Eduardo; SANTOS, Ricardo Ventura Santos (Ed.). **Mestizo genomics: race mixture, nation, and science in Latin America**. Durham and London: Duke University Press, 2014.

WILSON, Edward O. **On human nature**. Cambridge, London and Massachusetts: Harvard University Press, 2004.

WOOD, Bernard. Humanity's origins. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 67-77, 2014.

YAMAMOTO, Maria Emília; HATTORI, Wallisen Tadashi; CASTRO, Felipe Nalon; ALENCAR, Anuska Irene de. Gentileza gera gentileza. A evolução da cooperação. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 245-256, 2014.

ZILHÃO, João. A emergência da linguagem, da arte e do pensamento simbólico. Um teste neandertal das hipóteses em confronto. **Ciência & Ambiente**, n. 48, p. 119-136, 2014.